

Algumas expressões do feminino na compreensão da devolução de crianças adotadas¹

Maria Luiza de Assis Moura Ghirardi

Resumo: Este estudo apresenta algumas das motivações inconscientes dos adotantes ligadas ao gesto da devolução da criança adotada. A hipótese que norteia este trabalho é de que em alguns casos, o gênero da criança a ser devolvida pode estar ligado à inviabilidade do exercício da maternidade adotiva. Tece considerações sobre o imaginário materno onde se enlaçam a experiência com a infertilidade e algumas expressões da feminilidade, gerando entraves para o estabelecimento ou para a sustentação da relação com a criança adotiva. O estudo realça também que a presença de algumas fantasias no discurso parental, quando intensificadas, podem ser expressões sintomáticas da devolução da criança.

Palavras-chave: Adoção; Infertilidade; Feminilidade; Castração; *Unheimlich*

A devolução da criança adotiva é uma realidade encontrada em alguns contextos da adoção em que os pais, a partir das intensidades dos conflitos experimentados na relação com a criança, decidem retorná-la aos cuidados de instituições que são, em geral, um abrigo. Eventualidade intrínseca à experiência com a adoção², a devolução da criança poderá ocorrer em momentos que incluem as tentativas de estabelecimento do

Psicanalista, co-coordenadora do Grupo Acesso e docente do Curso de Psicossomática do Instituto Sedes Sapientiae e mestre pelo IPUSP.

1 Trabalho baseado na apresentação feita no III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e IX Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, em mesa formada pelo Grupo Acesso - Estudos, Pesquisa e Intervenção em Adoção da Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae - SP, em setembro de 2008, em Niterói - RJ.

2 Somente a criança adotiva pode vir a ser devolvida. O filho biológico diante da rejeição dos pais poderia ser abandonado, nunca devolvido.

vínculo afetivo durante o chamado "estágio de convivência" ou após a sentença da adoção ter sido decretada, apesar do caráter de irrevogabilidade que acompanha o estatuto legal da adoção. Apesar da irrevogabilidade da sentença da adoção, devoluções ocorrem e são tramitadas juridicamente, pois se entende que a lei muitas vezes não é suficiente para conter certos rompimentos do vínculo afetivo e, sobretudo, para evitar a permanência da criança no núcleo familiar que a rejeita, tornando-a vítima de maus-tratos, abusos e humilhações.

Do ponto de vista da experiência psíquica envolvida, a devolução da criança/adolescente representa o fracasso do projeto de filiação, uma ruptura do vínculo com aquela criança que foi inicialmente buscada para propiciar aos adotantes, o exercício de funções ligadas à parentalidade. Desse modo, a experiência da maternidade/paternidade que seria positivada a partir da adoção - como uma *alternativa* à procriação biológica - encontra, nessa contingência, uma impossibilidade de superação da frustração imposta pela infertilidade.

Ao depararmos com o cenário da adoção e seus atores, constatamos que dificuldades podem permear a relação familiar. Não raro, essas dificuldades podem ser ultrapassadas, garantindo a permanência da relação afetiva por adoção com seus mal-estares inerentes à constituição de qualquer relação afetiva. A hipótese que sustento nesse trabalho é de que, em alguns casos, a experiência adotiva é encenada em um campo em que se enlaçam dificuldades vividas com a infertilidade - e com certas expressões da feminilidade - gerando entraves para o estabelecimento ou para a sustentação da relação com a criança. Neste contexto, a criança tende a ocupar um lugar de exterioridade ao imaginário parental, que não a inclui e reconhece como filha. Estranha e estrangeira, caso seja vista como a representante do projeto fracassado, sua presença na família pode tornar-se ameaçadora para os pais.

3 Algumas idéias expostas a seguir são também apresentadas no artigo *A presença da infertilidade no contexto da adoção: efeitos possíveis na relação pais/filhos adotivos*. (GHIRARDI, 2008b)

1. A infertilidade como pano de fundo³

O percurso atravessado pelos adotantes na busca pela maternidade/paternidade encontra, na adoção, experiências paradoxais. A trajetória rumo à adoção é marcada por vivências que remetem às histórias de impossibilidades e o encontro afetivo entre a criança e o adulto, que a adoção propicia, é decorrência da existência de outros desencontros. A impossibilidade da parentalidade biológica, motivação que leva os adotantes a procurarem a adoção em 76,2% dos casos (PAIVA, 2004) suscita reflexões a respeito dos efeitos que a infertilidade pode trazer para a relação afetiva com o filho adotivo, este que vem ocupar o lugar de outro que não pode ser gerado.

A adoção responde a um ideal de maternidade/paternidade que tem como fundamento o narcisismo parental, uma vez que todo projeto ligado à filiação é do âmbito do narcisismo, seja ela biológica ou adotiva. Por meio do filho, os pais têm a oportunidade de reviver e reproduzir aspectos de seu próprio narcisismo, "há muito abandonado" (FREUD, 1914, p.110). Freud destaca a importância de reconhecermos que, no imaginário parental, o filho representa a possibilidade de satisfazer sonhos e desejos não realizados, tornando-se aquilo que os pais desejaram e não puderam ser, além de possibilitar a eles a experiência ilusória da imortalidade, dada pela transcendência genética. Freud (1914/2004, p.110) ensina:

O ponto mais vulnerável do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente encurralada pela realidade, ganha, assim, um refúgio seguro abrigando-se na criança. O comovente amor parental, no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo renascido dos pais, que, ao transformar em amor objetal, acaba por revelar inequivocamente sua antiga natureza.

É inegável que a impossibilidade de gerar filhos remete, em alguma medida, às angústias ligadas ao desamparo, à castração e, sobretudo, à condição da finitude humana. Diante de uma ruptura da transcendência, o adotante opta pela adoção como uma saída - alternativa - para dar seguimento ao desejo original ligado à procriação biológica. Sob esse prisma, a adoção traz em seu âmago uma dupla vertente: o desejo e a castração. Viabiliza a experiência afetiva da maternidade/paternidade a partir da castração (SILVA, 2001). Oculta e desvela o abalo narcísico instaurado pela castração, interferindo no encaminhamento da satisfação do desejo de filhos.

A experiência com a adoção começa a partir de perdas que evidenciam a ruptura existente entre o coito fecundante e a maternagem do filho, ruptura atravessada pelas múltiplas expressões do desejo inconsciente. Caso a filiação por adoção fique colocada, pelos adotantes, em situação de menos valia em relação à filiação biológica, movimentos psíquicos específicos serão necessários para superar a frustração e viabilizar a satisfação. O trabalho psíquico do *Luto* é um deles⁴. Em *À guisa de uma introdução ao narcisismo*, Freud (1914/2004) já ressaltara que as perturbações do corpo são aquelas a interferir no conceito que o sujeito tem de si mesmo, modificando, dessa forma, as características de seus investimentos libidinais.

Algumas decorrências se apresentam na escuta clínica das situações de adoção, permitindo considerar que, a depender de como a infertilidade é tramitada pelos adotantes, deixa entrever a presença de fantasias que intensificam os conflitos já existentes na relação pais/filhos adotivos. Essas experiências ligadas às perdas e lutos não elaborados esgarçam a rede de sustentação narcísica dos adotantes, deixando o filho em um lugar de exterioridade e estranheza. Em alguns casos, a magnitude desses conflitos poderá culminar na devolução da criança adotada.

4 Um maior desenvolvimento desse aspecto encontra-se descrito na Dissertação de Mestrado: A devolução de crianças e adolescentes adotivos sob a ótica psicanalítica: reedição de histórias de abandono. (GHIRARDI, 2008a)

2. O feminino como protagonista

... criar uma filha, para a mulher, é se deparar com um espelho.

Este contundente fragmento da escuta clínica de uma adotante que devolveu a menina a ser adotada, suscita interrogações sobre os possíveis significados da imagem do corpo feminino refletido nesse espelho. Tendo passado por vários processos de fertilização assistida que se viram frustrados e sentindo-se impotente para segurar a vida anteriormente inseminada, esta adotante traduzia sua impossibilidade de suprir a falta: "...então colocou dentro de mim e eu não consegui segurar essa vida. Aí foi muito chocante para mim". A dor do útero vazio, essa "morte" ocorrida em vida, provavelmente, a menina fazia ressurgir através da imagem especular. As questões da feminilidade, no confronto entre essas mulheres, pareciam traduzir os importantes impasses na relação que apenas se iniciava, e que culminou na devolução da criança.

Considerando que os filhos funcionam como um espelho onde se refletem os desejos parentais por meio de mecanismos identificatórios, a visão de uma anatomia "Estranha" - nos moldes como Freud (1919) descreveu a experiência de "inquietante estranheza" - pode ressoar de modo peculiar para aquelas adotantes que, frente a ela, se interrogam acerca de seu ser mulher. Diante da infertilidade não enlutada, o corpo feminino da criança poderia se constituir como um inquietante reflexo da castração, algo de familiar que, em determinados casos, não seria tolerado por esta adotante.

A radical alteridade da origem da criança adotada põe em evidência a ordem do biológico e deixa exposta para os adotantes a presença da família procriadora, colocando em xeque os paradigmas da maternidade. No contexto da adoção, re-velador por si só da existência de outra mulher

capaz de possuir bebês em seu ventre, a fantasia da apropriação indevida da criança e de não ter legitimidade sobre ela, é amiúde experimentada pelos adotantes. A *fantasia de roubo*, vivida ora como a apropriação indébita da criança, ora como temor de que a família de origem possa vir a reclamar por ela, realça a presença de sentimentos ambivalentes em relação à criança. Ela é remanescente da vivência infantil e, portanto, inserida nas vivências edípicas com a própria mãe. Desse modo, pode-se dizer que a fantasia de roubo é a contraparte da fantasia da devolução e reflete a face inversa da moeda da devolução. Por realçar a presença de uma origem biológica não enlutada, as fantasias de roubo, quando intensificadas, impossibilitam os investimentos psíquicos necessários para a inclusão da criança como filha no imaginário parental.

Mãe biológica e mãe adotiva - quando um traço de identificação deixa de unir essas duas mulheres - podem entrar em cena aspectos ligados ao impossível exercício da maternidade. Certa vez ouvi de uma mãe adotiva em dificuldades com o filho que queria devolver o quanto ela sentia não possuir modelos próprios para o exercício da maternidade daquela criança; no seu entender, era a mãe biológica quem teria, em alguma medida, esse saber. Ela dizia: “quero que você me ajude a que ele me veja como mãe...” Em outro momento, ela conta: “eu falo que ele tem duas mães, eu e ela”. Sua ambivalência expressava-se pelas fantasias que nutria e os movimentos que fazia para reaproximar o menino de sua mãe biológica, imaginando as possibilidades de devolvê-lo às suas origens.

Giberti (1992) considera que adotar uma menina não é o mesmo que adotar um menino, ressaltando a necessidade de considerarmos que os "adotivos" não formam um grupo único quando se trata do sexo da criança pretendida. Sempre que ocorre uma indiferença na opção do gênero da criança a ser adotada, permanece em estado latente a preferência por um ou outro sexo. Giberti (1992, p.88) comenta que:

A adotante poderia ver-se a si mesma, duplicada e desconhecida em uma anatomia que conhece, mas que lhe parece estranhamente inquietante, representante de uma sexualidade que convoca imaginariamente a mãe das origens, aquela que soube conceber e parir, abertura para uma produção fecunda.

Nesse momento, poderia apresentar-se a vivência do sinistro, posto que o projeto identificatório com uma filha não poderia sustentar-se sobre um corpo que denuncia, em si, a sexualidade de outra mulher. As derivações imaginárias dessa sexualidade e sua possível fecundidade transformam a menina em "estranha", alguém que reproduzirá mais tarde a fecundidade que esteve em sua origem. (GIBERTI, 1992)

Alinhada com essas idéias, Langer (1951) aborda os transtornos da reprodução à luz da sexualidade feminina, salientando que no século XX, quando a sexualidade deixa de ser um tabu, os transtornos reprodutivos constituem a principal causa de conflitos na mulher, abrindo espaço para a ocorrência de problemáticas psicossomáticas nessa esfera, e derivando em conflitos entre maternidade e sexo.

Importante sublinhar que a maternidade, seja ela biológica ou adotiva, implica um luto. Luto pelo filho imaginário. Labaki (2008, p. 282) contribui para essas reflexões:

A espera de um filho, durante a gravidez, bem como o investimento de desejo no filho que será adotado, deveria dotar a mãe com esta capacidade de perda da imagem ideal do bebê, sem a qual a criança não se subjetivaria. Não havendo subjetivação, tornar-se-ia, na melhor das hipóteses, um simulacro da psicopatologia materna. Mas como nem toda a

espera prepara o encontro, nem toda a mulher se torna mãe. Digo mãe devotada, que se esquece e deixa nascer um projeto de alteridade.

A experiência clínica com as situações da adoção permite considerar que as vivências de perdas não enlutadas remetem a um território de magnitudes afetivas que, ao intensificar os conflitos com a criança, levam ao aparecimento das fantasias de devolução como forma de aplacar o sofrimento psíquico suscitado. Considerações importantes que podem nortear as reflexões cotidianas do profissional técnico do judiciário responsável pela seleção dos candidatos à adoção, uma vez que encontramos em pesquisa recente a inviabilidade do exercício das funções maternas na adoção de meninas para certas adotantes. Nesse caso, observa-se que a adoção de meninos, ao contrário, poderia ser muito satisfatória para aquelas mulheres que se interrogam sobre a própria feminilidade. (GHIRARDI, 2008a)

3. Algumas decorrências da castração no panorama da adoção/ devolução

Cada mulher tece, desde a infância, complexas redes acerca da maternidade. Redes que imprimem sobre a função biológica o desejo da procriação. Desejos estes que só podem ser veiculados por meio da maternidade (ALKOLOMBRE, 2008). Assentada no Ideal do Eu feminino, a maternidade é a expressão de sua sexualidade, culminando na chegada do filho. Uma extensa compreensão do percurso feito pelo desejo de um bebê na menina é descrito por Freud ao longo de seus textos sobre a feminilidade. Interessa-nos, porém, lembrar que Freud (1917/1976) sublinha ser o desejo de possuir um bebê na mulher, o substituto do desejo de pênis, ligado à inveja do pênis e incluído no complexo de castração. Em decorrência, afirma que a frustração do desejo de filho - ou a impossibilidade

da maternidade - reativaria a angústia de castração feminina e poderia levar a desencadear uma neurose.

Aulagnier (1992) propõe reflexões sobre a fertilização tecnicamente assistida e faz uma importante diferenciação entre o desejo de filho e a demanda de filho, afirmando que o desejo de filho está inserido em uma dimensão simbólica e pressupõe o reconhecimento da castração materna. Projeto que inclui a noção de um terceiro e, portanto, da alteridade, o desejo de filho diferencia-se da demanda de filho, que, de acordo com Alkolombre (2008, p.19) se caracteriza como um projeto imaginário, uma "experiência ilusória de unidade e uma exigência de fusão no vínculo mãe-filho". Alkolombre (2008, p. 19) ressalta que "o desejo de um filho, em troca, implica no abandono da posição narcisista e pressupõe que a mãe tenha a possibilidade de enfrentar as próprias carências e a renúncia da realização de seus desejos através do filho". Desejo de filho, assim como a maternidade, pressupõe a castração.

Iluminados novamente pela escuta clínica das situações da adoção, percebemos que importantes dificuldades na relação pais/filhos podem vir a ocorrer quando a frustração vivida com a infertilidade necessita ser obturada, inviabilizando o exercício da maternidade/paternidade sob a égide da castração. Uma das decorrências apontadas diz respeito aos sentimentos de altruísmo amiúde encontrados em alguns adotantes e compreendido como uma reação defensiva à vivência dolorosa diante da desvalorização que experimentam com a infertilidade. Dessa forma, a ferida narcísica vivida se apresentaria por meio de uma esperança de compensação e, nesse caso, o filho ocuparia o lugar daquele que tem a missão de ressarcir seus pais pelas perdas de aspectos de seu narcisismo. Nessa situação, a presença de conflitos e dificuldades intrínsecas a qualquer relação afetiva desfaz a fantasia narcísica de salvamento da criança, gerando ódio, frustração e nova rejeição. (GHIRARDI, 2008b)

4. Palavras finais

O exercício da maternidade/paternidade, que a adoção propicia, insere-se no contexto das filiações que são favorecidas pela cultura. Essa contingência suscita mobilizações específicas, uma vez que a matéria-prima das experiências vividas diz respeito ao desamparo, ao abandono e à rejeição. Embora experiências bem sucedidas e criativas façam parte do panorama da adoção, o exercício clínico é portador das variadas expressões do sofrimento psíquico experimentado em algumas dessas situações. A devolução da criança/adolescente é uma delas.

São vários os motivos que podem levar os adotantes a efetivarem a devolução da criança. Esse trabalho tece algumas considerações sobre os complexos enlacs psíquicos que envolvem experiências ligadas à presença da infertilidade no casal adotante e levanta hipóteses em relação a algumas expressões do feminino que podem contrapor o desejo da maternidade. É diante de impossibilidades de convívio que a devolução encontra um campo em aberto, enquanto possibilidade de vir a ocorrer.

A maternidade/paternidade assume um valor cultural com magnitudes variáveis de acordo com a época histórica que vivemos. Mas, certamente, pertence à bagagem dos ideais que carregamos na contemporaneidade. Nesse sentido, a infertilidade ou a impossibilidade de procriação biológica recoloca uma questão narcísica que a adoção tentará suplantar. Como uma alternativa ao biológico, a adoção deverá ser uma experiência valorizada pelos adotantes, capaz de viabilizar saídas criativas, uma vez que, como nos ensina Bleichmar (2007, p.39) "os elementos da filiação não são nomações do real e sim instituintes simbólicos".

Quando falha a possibilidade de ultrapassar a castração experimentada a partir da infertilidade, a devolução da criança/adolescente poderia então assumir o sentido de restauração do Ideal traçado pelos pais que se viu fracassado, representando uma tentativa de recuperação da parcela

remanescente do narcisismo ferido pela castração. O fracasso dos ideais dos pais, quando "encarnado" pela criança, coloca abaixo o projeto da adoção se aquela passar a ser o representante do sinistro. Enquanto experiência soldada ao narcisismo parental, o ideal narcísico perdido é vivido como experiência insuportável e poderá suscitar fantasias de devolver a criança.

Se criar uma filha para a mulher é se deparar com um espelho, como me dizia a adotante referida, a revelação da imagem ali refletida não é outra senão a enunciação do feminino enquanto linguagem do erotismo. Alinhada com Birman (1999) que compreende a feminilidade como uma revelação do que existe de erógeno no desamparo, sua face positiva e criativa e também o que possibilita ao sujeito se reinventar permanentemente, penso ser possível afirmar a adoção como uma saída para o desamparo, intrinsecamente ligada à feminilidade.

A few expressions of the feminine in the comprehension of the devolution of adopted children.

Abstract: *This paper presents some of the unconscious motivations of people who adopt children concerning the gesture of taking back the adopted child. The hypothesis which orientates this work is that, in some cases, the gender of the child who was taken back may be related to the impracticality of the adoption maternity. The author weaves considerations about the maternal imaginary where the experience with infertility is connected to some expressions of the femininity, generating obstructions to the establishment or to the maintenance of the relationship with the adopted child. This study also highlights that the presence of some fantasies in the parental speech, when intensified, can be symptomatic expressions of the devolution of the child.*

Keywords: *Adoption; Infertility; Castration; Unheimlich*

Referências

- ALKOLOMBRE, P. *Deseo de Hijo. Pasión de Hijo*. Buenos Aires: Letra Viva, 2008, 240p.
- AULAGNIER, P. Qué deseo, de qué hijo? *Psicoanálisis com niños y adolescentes*. Buenos Aires: n.3, 1992, p. 45-9.
- BIRMAN, J. *Cartografias do feminino*. São Paulo: Ed.34, 1999, 219 p.
- BLEICHMAR, S. La identidad como construcción. In: ROTENBERG, E.; WAINER, B.A. (Orgs.). *Homoparentalidades: nuevas familias*. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2007, p. 33-46.
- FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- (1917). *As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal*, v.17.
- (1919). *O estranho*, v.12.
- _____. *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. (Trad. Luiz Alberto Hanns.) Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- (1914). *A guisa de uma introdução ao narcisismo*, v.1.
- GHIRARDI, M.L.A.M. (2008a). *A devolução de crianças e adolescentes adotivos sob a ótica psicanalítica: Reedição de histórias de abandono*. 2008. 131f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- _____. (2008b). A presença da infertilidade no contexto da adoção: Efeitos possíveis na relação pais/filhos adotivos. In: VOLICH, R.M.; FERRAZ, F.C.; RANÑA, W. (Orgs.) *Psicossoma IV- Corpo, História, Pensamento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, p. 151-64.
- GIBERTI, E; GORE, S.C (1991). *Adopción y silencios*. 2. ed. Buenos Aires: Sudamericana, 1992, 336 p.
- LABAKI, M.E.P. Ter filhos é o mesmo que ser mãe? In: ALONSO, S.A.; BREYTON, D.M.; ALBUQUERQUE, H.M.F.M. (Orgs.). *Interlocuções sobre o feminino na clínica, na teoria, na cultura*. São Paulo: Escuta, 2008, p. 273-84.
- LANGER, M. *Maternidad y sexo*. Buenos Aires: Paidós, 1951, 253 p.
- PAIVA, L.D. *Adoção, significados e possibilidades*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, 180 p.
- SILVA, M.S.N. *Em busca do elo perdido*. 2001. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Maria Luiza de Assis Moura Ghirardi

Rua Demóstenes, 627, cj.122
Campo Belo - São Paulo/SP
(11) 5093 9024
mlghirardi@terra.com.br